



As minudências da Biblioteca Olegário Vale (Caicó – RN, 1918-1920)¹

Details on the Olegário Vale Library (Caicó city, RN state, 1918-1920)

Marta Maria de Araújo

Maria das Dôres Medeiros

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

Em grande parte, a instalação de bibliotecas, em fins do século XIX e início do século XX, correspondiam a uma formalidade pedagógica própria de um tempo histórico em que se reclamava por um maior acesso à cultura leitora erudita e educacional de linguagens universais. Por esse ângulo, pretendemos analisar os “protocolos formais” de leituras, de livros e de convívio coletivizado dos leitores, da Biblioteca Olegário Vale da cidade de Caicó (RN), no período de 1918 a 1920. A noção de “formalidade das práticas” esboçada por Michel de Certeau (2000) é pertinente para análise das fontes documentais (*Estatuto da Associação Educadora Caicoense*, listagem de doadores de “feixes de livros” e respectivos títulos, matérias dos jornais locais *O Binóculo*, *O Juvenil*, e *O Seridoense* e o Anuário Estatístico do Brasil), por permitir refletir sobre os protocolos formais de uma instituição cultural de natureza pública – no caso a Biblioteca Olegário Vale – “mediadora” de maior acesso à cultura leitora, cujos principais sujeitos educativos destinatários eram professores, alunos e a “população letrada”.

Palavras-chave: Cultura leitora. Biblioteca Olegário Vale. Caicó. Rio Grande do Norte.

Abstract

Largely, the library edification, on late 19th century and 20th century beginning, has correspond to a pedagogic formality characteristic to a historic time in which people demanded for a greater access to a universal languages reading erudite and educational culture. On this view, we intend to analyze the “formal protocols” of reading, books and the living together readers collectivity of the Olegário Vale Library, Caicó city, Rio Grande do Norte state, on the 1918 to 1920 period. The notion of “practices of formality” outlined by Michel de Certeau (2000) is relevant to the documental sources analysis (*Associação Educadora Caicoense Statute*, “book bunches” and respective titles donators list, the local newspapers “*O Binóculo*,” “*O Juvenil*”, e “*O Seridoense*”, and Anuário Estatístico do Brasil) to allow a reflection about the formal protocols of a public culture institution – in this case the Olegário Vale Library – as “mediator” to the great reading culture access, which the main educative citizens addressed were the teachers, students and the “erudite population”.

Keywords: Reading culture. Olegário Vale Library. Caicó city. Rio Grande do Norte state.



SÃO 7 horas, disse-me o interessante menino da casa em que me hospedara. – São, conseqüentemente, as horas em que se abre a biblioteca, disse eu. Tomando o chapéu do cabide, pus-me a rua, indo sem interrupção a Biblioteca 'Olegário Vale.' Ali chegando estavam vários rapazes e um menino a ler atentamente. Surpreendo-os eu com minha chegada; um deles o mais moço ofereceu-me a cadeira em que se sentava, gentileza que eu agradei, por estar perto de uma outra desocupada. Sentei-me, fez-se silêncio. Encontrei um livreto junto a mim, abri-o e li algumas páginas. Seu autor foi Álvares de Azevedo, que se não houvesse morrido aos 21 anos, quando quintanista da Escola Jurídica de São Paulo, seria hoje uma glória do Brasil literário. Suspendi a leitura porque pensei escrever essas linhas. Para isso era mister fazer algumas observações. Estava eu em uma sala confortável relativamente, tendo ao centro uma mesa caprichosamente acabada, retangular, se não me olvido, e por sobre ela estavam dispersos jornais. Quase todos que ali estavam liam jornais, exceto o menino que lia um livro de volume médio, e um senhor já bastante encanecido, que chegara depois de mim, o qual lia outro livro, porém volumoso. Harpocrates reinava sem oposição. No semblante de cada leitor via-se a penumbra de uma inteligência que se deseja polir. Observei tudo com o olhar rápido e de soslaio. Compreendi que Caicó possui homens de gosto pelas letras, o que já não me era ignorado. Em três linhas não se pode referir a fundação desta Sociedade, porque é preciso papel... e papel. À luz da inteligência, que produziu aquele feixe de livros da biblioteca, foi e alguma ainda coisa é igual à luz que ilumina aquele recinto, onde tudo é gozo na vida literária de uma cidade que progride sensivelmente. Sai; a cidade ainda estava em parte acordada e sorria: com as palestras das calçadas, com as solfas que soavam de quando em quando pelos becos retilíneos e com as luzes das lâmpadas particulares, que ofuscavam os transeuntes. Meia hora depois, Caicó em peso dormia e eu também. (JEREMIAS, 1918).

Essa matéria, publicada no periódico *O Binóculo*, revela certas formalidades de práticas seguidas na Biblioteca Olegário Vale: silêncio ambiental, horário de funcionamento noturno, disposição do mobiliário, lugar de recolhimento para leitura silenciosa de "feixes de livros" e de jornais, que instalam procedimentos no encontro do leitor com o objeto lido – o impresso. Há algum tempo, essa mesma matéria inspirou a escrita de um outro texto, que suscitou revisões e produziu ampliações. (ARAÚJO, MEDEIROS, 2006).

A mudança das práticas de leitura em locais de retiro solitário (que se davam na esfera do privado) para a leitura em ambiente público instituído, desdobrou-se na formalidade à observância das normas internas desses “tempos de absoluto silêncio,” as quais possibilitam, conforme Chartier (1998), a convivência em harmonia dos leitores com tipos de leitura de ordem literária, didática, jornalística, histórica, científica.

No ambiente de efervescência cultural de fins do século XIX, foi que, em Caicó, por iniciativa do Delegado Escolar – Olegário Gonçalves de Medeiros Vale – era criada, a 31 de março de 1884, a primeira biblioteca da cidade. Com um acervo inicial composto de 200 volumes, essa biblioteca recebeu a denominação de *Club 20 de Janeiro* e foi mantida pela *Sociedade Literária Santa Cecília*, extinta por volta de 1910. A possibilidade de ampliar o acesso da comunidade escolar pública ou privada e dos cidadãos caicoenses ao mundo do impresso deve ter motivado o Delegado Escolar a fundar essa agremiação, posta em funcionamento com fins educativos e instrutivos.

O mentor dessa sociedade literária e do *Club 20 de Janeiro*, o intelectual Olegário Gonçalves de Medeiros Vale, foi atuante na política, no jornalismo e na advocacia. Exerceu vários cargos públicos, ora no Poder Executivo à frente da administração de Caicó, ora como Comandante Geral da Polícia Militar do Rio Grande do Norte e como Comandante do Corpo da Polícia Militar local. Abolicionista, integrou a *Sociedade Libertadora*, participando ativamente do movimento, promovendo festas e solenidades em praça pública em favor da causa encetada. (MONTEIRO, 1945). Como jornalista, foi o idealizador do *Boletim da Sociedade Libertadora* para propagar as idéias abolicionistas em Caicó e no Seridó e o principal redator do jornal *O Povo*, semanário de natureza liberal, que cedia espaço à propaganda republicana. Advogado provisionado, atuou em causas cíveis, criminais e eleitorais, defendendo os mais fracos e combatendo a injustiça. (ARISTON, 2004).

Em grande parte, a organização e instalação de bibliotecas – em fins do século XIX e início do século XX – correspondiam a uma formalidade pedagógica própria de um tempo histórico que reclamava por um maior acesso à cultura leitora erudita e educacional de linguagens universais. No Rio Grande do Norte, no intervalo de tempo entre 1880 e 1920, por iniciativa de segmentos da sociedade civil organizados em associações literárias, artísticas, dramáticas e educacionais, ocorreu a fundação de revistas e de jornais,



além de teatros, de bandas de música, de clubes literários, de escolas e de bibliotecas. (REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL, 1927).

A instalação de gabinetes de leitura e de bibliotecas promoveu, mais facilmente, o encontro do leitor com o livro, ao mesmo tempo em que rompeu os obstáculos “[...] criados por velhos hábitos, e, que não se podiam encontrar onde as bibliotecas apareciam pela primeira vez.” (AZEVEDO, 1945, p. 16). Dentre esses “velhos hábitos,” a prática da leitura oralizada compartilhada pela família e a leitura murmurada ou “ruminada”, como infere Chartier (1998), feita pelo leitor menos hábil, a qual se destinava a obter melhor entendimento do texto escrito.

Mas, há ainda que ressaltar a existência de leitores de obras cultas, bem como o reconhecimento do livro como suporte didático indispensável à aprendizagem do ler e do escrever que inspirou a “[...] abertura dessas associações, pois o baixo número de instituições de ensino e a busca por ‘escolaridade’ vão demandar outros espaços de *letramento*.” (MORAIS, 2003, p. 3).

Na verdade, a extinção da Biblioteca *Club 20 de Janeiro*, provavelmente, na primeira década do século XX, abriu uma lacuna na cultura educativa da cidade, já vista em sentido amplo e não mais restrita às salas de aula. As elites locais viam nas instituições dessa natureza, “a celebração de um bem cultural” pelo qual se devia chegar ao progresso educacional, moral e intelectual de Caicó. Para tanto, em janeiro de 1918, os redatores d’*O Juvenil* – Floriano Medeiros, José Dias de Medeiros, Francisco Gurgel, Esperidião Medeiros, Plácido Aristóteles e, especialmente, José Gurgel de Araújo – iniciavam uma Campanha em prol de uma nova biblioteca para a cidade, da qual decorrerão *vantagens úteis ao nível moral e intelectual do caicoense*, com a seguinte chamada:

Estamos certos de que os filhos mais ilustres d’ esta terra não se furtarão ao auxílio de tão alto cometimento que vem pôr em descortino a obra de civilização da nossa terra pela agência do bom livro, que é o pábulo espiritual do qual todos nós carecemos. Apelamos para a mocidade caicoense e para os ilustres representantes da nossa municipalidade, para que, patrocinando tão boa idéia, em breve tenhamos um gabinete de leitura capaz de preencher uma tão preconcebida necessidade. (SURGE ET AMBULA, 1918, p. 1-2).

Fazendo ressoar “pôr em descortino a obra de civilização da nossa terra pela agência do bom livro”, os intelectuais, os professores, as lideranças políticas locais e pessoas da comunidade apoiaram a Campanha dos jovens jornalistas, a qual resultou na criação da *Biblioteca Olegário Vale*, em homenagem ao fundador do *Club 20 de Janeiro*.

Assim sendo, a 14 de setembro de 1919, no período compreendido entre a Festa de Sant’Ana (mês de julho) e a Festa do Rosário (mês de outubro), um acontecimento memorável marcou a vida cultural da cidade de Caicó (RN): a inauguração da *Biblioteca Olegário Vale*, já em funcionamento desde 1918, em salas da Intendência Municipal, que também sediava o *Grupo Escolar Senador Guerra*. Segmentos sociais ligados à educação escolar, às letras, às artes, às armas, à agricultura e ao comércio fundaram, naquela mesma data, a *Associação Educadora Caicoense*, sob a iniciativa do intelectual José Gurgel de Araújo (1892-1966), destinada a ser a instituição educativa mantenedora da *Biblioteca Olegário Vale*. Intelectual de múltiplas intervenções no território educativo cultural e social, o caicoense José Gurgel de Araújo diplomou-se pela Faculdade de Farmácia de Recife, em 1923, especializando-se em Farmacêutico Químico Industrial. Militou na imprensa periódica local, foi professor, fundou escolas e clubes de serviços em Caicó e instalou o primeiro Posto de Profilaxia da cidade.

Do ponto de vista de uma formalidade das práticas sociais, a administração da *Biblioteca Olegário Vale* coube a uma associação civil, intitulada *Associação Educadora Caicoense*, também fundada em 19 de setembro de 1919, conforme referida anteriormente, a qual foi constituída por cinquenta e oito sócios efetivos, de diferentes categorias sociais e profissionais. Dentre eles, Joaquim Ignácio de Carvalho Filho, Honório Onofre de Medeiros, Celso Afonso Dantas, Gester Apolinar de Britto, Odilon Lebarre, Abel Furtado de Mendonça, Hermógenes Baptista de Araújo, Fenelon Araújo, Joaquim Martiniano de Araújo, Joel Damasceno, José Ezelino da Costa. Cada sócio fundador contribuiu com “uma jóia” de cinco mil réis, passando a pagar uma mensalidade no valor de um mil réis para a formação de um fundo social que se destinava às despesas da Associação. Além da contribuição dos fundadores, dispunha, ainda, dos donativos ofertados pelos sócios honorários e beneméritos. (ASSOCIAÇÃO EDUCADORA CAICOENSE, 1924).

Para administrar essa associação educadora, os sócios fundadores escolheram a sua primeira diretoria, com mandato de um ano, que ficou assim



constituída: Presidente, Janúncio Nóbrega; Vice-Presidente, José Gurgel de Araújo; Primeiro Secretário, Pedro Militão; Segundo Secretário, José de Araújo Santos; Orador, Hilarino Amâncio Pereira; Tesoureiro, Ignacio de Medeiros Dias; Procurador, José Dias de Medeiros; Bibliotecário, Esperidião Eloy de Medeiros. (ASSOCIAÇÃO EDUCADORA CAICOENSE, 1924).

As finalidades dessa agremiação acham-se explicitadas no Estatuto, instrumento jurídico desencadeador de uma série de formalidades de práticas institucionais, que se revelariam nas atividades socioculturais voltadas para o aperfeiçoamento moral e intelectual do caicoense pela difusão das “luzes” do saber erudito. De certo modo, essas finalidades obedeciam a “direções obrigatórias” – expressão de Certeau (2000) – traçadas segundo o cunho sociopolítico em que essa agremiação se inscrevia: o compromisso com a educação, a cultura e a instrução escolar. De fato, competia à *Associação Educadora Caicoense*:

Manter uma biblioteca pública nesta cidade; criar oportunamente escolas; desenvolver a instrução sob todos os seus aspectos; combater o analfabetismo; elevar o nível moral e intelectual da terra; incentivar no espírito público o dever cívico e o patriotismo de cada cidadão. (ASSOCIAÇÃO EDUCADORA CAICOENSE, 1924, fl. 1).

Com tal convicção, esforços dos organizadores foram empreendidos em direção ao aumento e à diversificação de títulos, para compor coleções diversas através de compra ou mesmo mediante doações de “feixes de livros”. É evidente que na espessura de uma formalidade das práticas, os idealizadores da *Biblioteca Olegário Vale* enviaram correspondências, difundindo a Campanha de doação de livros (ou doação de valores monetários), contemplando a coletividade caicoense, educadores, intelectuais e instituições públicas. Destinatário de uma dessas missivas, o então Governador do Estado – Dr. Antônio José de Mello e Souza (1920-1924) – que “[...] não podendo dispor de livros que possa oferecer a biblioteca, pede licença para enviar a modesta contribuição de 50\$000 para este fim.” (A EDUCADORA CAICOENSE, 1920, p. 2).

Enquanto principal idealizador e organizador desse “centro de livros,” José Gurgel de Araújo, explicitamente comprometido com a causa educativa que abraçara, formalizou, durante a Campanha de 1918, a doação de mais de uma centena de livros, subtraída da sua biblioteca particular para aquela

instituição pública, conforme relato do seu filho Neemias. (MEDEIROS, 2006). Por diversas formalidades, a *Biblioteca Olegário Vale* nascia colada ao seu principal idealizador, José Gurgel de Araújo, educador e intelectual, assim como fora o *Club 20 de Janeiro* à pessoa de Olegário Gonçalves de Medeiros Vale, também educador e intelectual.

Certamente que regido pela cultura do público, do coletivo e da idéia matriz de sociedade politicamente moderna (ARROYO, 1997), no ano de 1920, o periódico *O Seridoense* divulgava a entrada das doações de novos livros para a *Biblioteca Olegário Vale*. Essas doações atingiram cento e quinze livros e outros impressos de autores estrangeiros, nacionais e regionais, incluindo livros de história e de história da educação – dentre eles *L'instruction publique au Brésil (1500-1889): l'histoire et législation* – e obras antropológicas, científicas, didáticas, filosóficas, pedagógicas, técnicas, jurídicas e literárias (contos, crônicas, conferências, poesias, romances, novelas). Mas, afinal, quem foram os doadores desses cento e quinze livros? Nos protocolos das formalidades das práticas, próprias de doações publicadas pelas páginas d'*O Seridoense* (ano de 1920), aparecem geralmente especificados os nomes dos autores, dos títulos dos livros e impressos, além dos beneméritos doadores, conforme os quadros 1 e 2.

192

Como poderíamos qualificar os seus doadores ou possíveis assinaturas? Parece-nos que a *Biblioteca Olegário Vale* não dispunha de recursos suficientes para manter os custos com as assinaturas desses impressos. É prudente, portanto, considerar a possibilidade de terem sido doados (depois de lidos) pelos seus assinantes, muito provavelmente, membros da *Associação Educadora Caicoense*, agremiação sem fins lucrativos que administrava a *Biblioteca Olegário Vale*.

A cultura do público e do coletivo, legitimada pela idéia matriz de sociedade politicamente moderna, desdobra-se em visíveis formalidades de práticas. O acervo da *Biblioteca Olegário* reunia, assim, livros de diversos gêneros e estilos, obras de linguagens universais circulantes por lugares variados e longínquos, para então chegar às mãos de leitores e leitoras da cidade de Caicó. Foi o que aconteceu, por exemplo, com a novela *Paulo e Virgínia*, do francês Jacques Henri Bernardin de Saint-Pierre, escrita em 1787, gênero de preferência de um amplo público leitor na Europa, em Portugal, no Brasil e em Caicó, apreciador do eixo da trama que se fixava na natureza, nos sentimentos e na solidão humanos.



Sem dúvida, na Europa (especialmente em Portugal), a leitura de *Paulo e Virgínia* por leitores românticos tornou-a comentada, traduzida, prefaciada, utilizada como epígrafe em vários contos e romances publicados em folhetins e periódicos. Uma espécie de história "moral" e religiosa, estimulou outros escritos, a exemplo das cartas de leitoras que foram endereçadas ao escritor, após a publicação dessa obra de enredo fantasioso. (GUERREIRO, s.d.; GOULEMOT, 1996). Em terras brasileiras "[...] foi um dos livros mais populares do século XIX, a se confiar no número de referências feitas a essa obra na ficção brasileira da época." (LAJOLO; ZILBERMAN, 1998, p. 221). Certamente, em Caicó, sob esse prisma, não foi diferente. A recepção da novela *Paulo e Virgínia*, ao lado de outros clássicos da dramaturgia francesa, deve ter inspirado a escrita de artigos lírico-sentimentais, como sugerem as crônicas publicadas pelas páginas do *Jornal das Moças*. (AMOR E SAUDADE, 1926; SUSPIROS, 1926).

Além de conceber uma maneira toda especial de leitura e de escrita, a literatura romanesca também chegou a definir, segundo Chartier (2001, p. 114), uma maneira particular de ler, a qual "[...] vincula a leitura aos efeitos. Quando se lê a novela, [...], há emoção e sensibilidade: as pessoas choram, se comovem, e isto define um paradigma geral da leitura".

Ao lado do propósito de promover um maior acesso à cultura leitora erudita, popular e educacional de linguagens universais, principalmente aos professores, aos alunos de escolas públicas e privadas e à população de Caicó, os organizadores e administradores da *Biblioteca Olegário Vale* incluíram, nesse acervo cultural, periódicos e jornais, os quais traziam a notícia rápida extraída da vida cotidiana, a crônica social e o comentário político. Também nessa Biblioteca educadora, como afirmara Machado de Assis (1986, p. 945), o jornal é a "[...] locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das idéias e o fogo das convicções".

A Biblioteca com seus livros, com seus jornais e periódicos, com suas mesas caprichosamente retangulares seria, pois, um acervo cultural com ambições de convívio grupal, de inserção social, de vivências de cidadania. Nessa formalidade de práticas, a *Biblioteca Olegário Vale* democratizou à "comunidade de leitores", nos termos de Chartier (1994), periódicos e jornais como: *A Aurora* (São Paulo-SP), *A Rua* (Maceió-AL), *Diário de Pernambuco* (Recife-PE), *Diário do Estado da Paraíba* (Paraíba-PB), *Imprensa* (Natal-RN), *O*

Binóculo (Caicó-RN), *O Jornal* (Rio de Janeiro-Capital Federal), *O Mensageiro* (Manaus-AM), *O Parafuso* (Jardim do Seridó-RN) e *O Seridoense* (Caicó-RN).

Pensar em formalidades de práticas de uma Biblioteca pública implica em reconhecer o imperativo do empréstimo (gratuito) individual. Essa modalidade de "leitor institucionalizado" – expressão formulada por Wittmann (2002) – explicita novos modos de acesso ao livro e ao jornal, sob os quais o ato de ler será cada vez mais democratizado, socializado, diversificado e identificado. Para além da modalidade de empréstimo ou não, o leitor tinha a sua disposição, na *Biblioteca Olegário Vale*, uma sala de leitura, mesas, cadeiras e estantes (abertas) de livros.

A própria epígrafe deste texto é indicativa da disposição dos aposentos internos da Biblioteca: um lugar coletivo ambientado para a leitura de livros e jornais; a convivência grupal e discreta de leitores de diferentes idades que exteriorizavam em torno da prática de leitura, distintos interesses e, por fim, o predomínio do silêncio no interior do recinto.

Conforme observou o atento "visitante" da Biblioteca Olegário Vale, naquele ambiente "Harpocrates reinava sem oposição." (JEREMIAS, 1918, p. 65). Esta divindade telêmica representa "[...] o silêncio e sua Palavra é a Palavra do Eon, ABRAHADABRA, o fim de todas as palavras." (HARPOCRATES, s.d., p. 1). Mas, se pelas formalidades das práticas dessa instituição, a palavra não podia ser expressa em voz alta, entretanto, ela se revela pela discreta escrita do arguto "visitante".

Como não pensar a *Biblioteca Olegário Vale* educando, instruindo a cidade e seus cidadãos pela cultura leitora erudita, popular e educacional de linguagens universais? Uma cidade já sensibilizada da lógica do progresso educacional, da coesão social, do universalismo, pois, afinal, "[...] qualquer acervo não só traz embutida uma concepção implícita de cultura e saber, como desempenha diferentes funções, dependendo da sociedade em que se insere." (SCHWARCZ; AZEVEDO; COSTA, 2002, p. 120). Teria ela feito avançar o gosto do caicoense pelas letras?

É pertinente esclarecer que, ao se avizinhar a década de 1920, a população de Caicó aproximava-se, em termos gerais, de 25.366 habitantes, sendo 3.950 na área urbana e 21.416 na área rural. (MORAIS, 1999). Por essa época, a economia local estava centrada na atividade da pecuária e no cultivo do algodão mocó. Afastada da cidade, a população rural dispersa



pelas fazendas estava à espera da escola de todos, para alargar a escolarização. Urgia, pois, a instalação de “[...] escolas que, embora modestas, não deixarão de colher os mais admiráveis frutos.” (ARAÚJO, 1918, p. 2).

Expandir a escola, alargar a escolarização era um imperativo político de educadores do público e do privado. Nesse “centro de livros”, os idealizadores da *Biblioteca Olegário Vale*, através da *Associação Educadora Caicoense*, abraçaram a “cruzada santa” pela indeclinável campanha de expansão da escola primária aliada ao alargamento da escolarização, a qual resultou na criação de vinte e cinco (25) escolas para meninos e meninas nas Fazendas do Município de Caicó. Essa “cruzada santa” a favor da alfabetização foi incentivada por José Gurgel de Araújo, que publicou uma série de três artigos nas páginas do periódico *O Juvenil*, por meio dos quais manifestava a confiança solidária nas iniciativas em prol da remodelação moral e social da coletividade, da melhoria do nível intelectual da cidade advindas pela multiplicação da escola e pelo alargamento da escolarização. (ARAÚJO, 1918; 1918a; 1918b).

Perante a população rural composta de crianças, de jovens e de adultos, a *Biblioteca Olegário Vale* e sua mantenedora – *Associação Educadora Caicoense* – projetavam no plano material, simbólico e existencial: salas de aula coletivas, salas de leitura silenciosa, gosto pelo estudo, apego à cultura leitora erudita, educacional e popular, de linguagens universais. Em muitos lugares, como ressalta Azevedo (1945), a idéia de levar o livro a todos invadiu outros domínios, como a escola primária e as camadas populares.

De todo modo, o ser humano é, também ele, sujeito destinatário das formalidades das práticas que institui e projeta novas vivências e socialidades? Sob tal indagação, esclarece-nos Certeau (2000, p. 160): “As [formalidades das] práticas permitem apreender os modos de uma nova combinação: elas definem, com efeito, o campo onde se efetua o deslocamento que irá refluir sobre as ideologias”.

Subjacente às formalidades das práticas da *Biblioteca Olegário Vale* inscrevia-se um programa educativo mediante a convenção do constante avanço da elevação do nível intelectual, moral (ético) e espírito público da coletividade. Nessa direção ideológica, a educação escolar abrangeria atributos da cultura leitora, erudita e cognitiva, e a dimensão de valores cívicos, patrióticos, éticos e estéticos de linguagens universais. Coroando tudo isso,

estava a *Biblioteca Olegário Vale* – “centro de livros” – lugar de encontro do leitor com livros, jornais e outros leitores. A leitura silenciosa e simbólica de “feixes de livros” e jornais, num ambiente em que reinava a força de Harpocrates, revela-se como expressão da cultura de um povo e das formalidades (renovadas) de práticas educativas.

Estimular nas “salas-de-consulta coletiva” a leitura silenciosa e seletiva de “feixes de livros”, como almejavam os criadores da Biblioteca Olegário Vale, era acima de tudo incentivar o espírito público, o hábito de ler e o de polir em cada usuário(a) um jeito próprio de ser um leitor(a) e um escritor(a). Afinal, as formalidades das práticas da Biblioteca Olegário Vale se compraziam com os padrões da cultura erudita de linguagens universais, com as práticas escolares gerais renovadoras e se combinavam com o progresso intelectual de seus concidadãos ao lado do progresso econômico. Mas, que se fazia coincidir com lugares dotados de paredes, de telhados e de portas abertas...

Quadro 1

Livros e outros impressos doados para a Biblioteca Olegário Vale em 1920

Autor	Título	Doação	Fonte
A. Childe	Guia das coleções de arqueologia clássica	Museu Nacional	O Seridoense, Caicó, ano 6, n. 305, 13 fev. 1920
Afonso Cláudio	Consulta e pareceres	Dr. Joaquim Ferreira Chaves	O Seridoense, Caicó, ano 6, n. 302, 22 jan. 1920
Aksakaf	Animismo e espiritismo	José Ariston de Araújo	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 336, 08 out. 1920
Alaor Prata Soares	Questões pecuniárias	Dr. Joaquim Ferreira Chaves	O Seridoense, Caicó, ano 6, n. 302, 22 jan. 1920
Alberto Maranhão	Na Câmara e na imprensa	Dr. Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão	O Seridoense, Caicó, ano 6, n. 302, 22 jan. 1920
Alexandre Dumas	Os mártires do dinheiro	Dr. Antônio Pires Ferreira	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 334, 29 set. 1920



Autor	Título	Doação	Fonte
Almeida Garret	Viagens na minha terra	Hilarino Amâncio Pereira	○ Seridoense, Caicó, ano 6, n. 299, 02 jan. 1920
Antonio Querino de Araújo	Sem título	Prof. Francisco Gonzaga Galvão	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 311, 16 abr. 1920
Auta de Souza	Horto	Hilarino Amâncio Pereira	○ Seridoense, Caicó, ano 6, n. 299, 02 jan. 1920
Balzac	A última encarnação de Vautrin	Djalma Pires Ferreira	○ Seridoense, Caicó, Ano 7, n. 318, 04 jun. 1920
Balzac	Um conchego de solteiro	Djalma Pires Ferreira	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 336, 08 out. 1920
Begun	Os quinhentos milhões	Agenor Miranda	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 318, 04 jun. 1920
Biblioteca Nacional	Anais	Biblioteca Nacional	○ Seridoense, Caicó, ano 6, n. 305, 13 fev. 1920
Biblioteca Nacional	Boletim	Afonso M. Pires Ferreira	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 336, 08 out. 1920
Biblioteca Nacional	Boletim bibliográfico	Biblioteca Nacional	○ Seridoense, Caicó, ano 6, n. 305, 13 fev. 1920
Bernardim de Saint-Pierre	Paulo e Virgínia	Dr. Antônio Pires Ferreira	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 334, 29 set. 1920
Blasco Ibanez	A catedral	Dr. Antônio Pires Ferreira	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 318, 04 jun. 1920
Blasco Ibanez	A catedral	Dr. Antônio Pires Ferreira	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 334, 29 set. 1920
Blasco Ibanez	Jesuítas	Dr. Juvenal Lamartine de Faria	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 311, 16 abr. 1920

Autor	Título	Doação	Fonte
Calorus	O filho de Napoleão I	Agenor Miranda	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 318, 04 jun. 1920
Camilo Castelo Branco	Amor de perdição	Dr. Antônio Pires Ferreira	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 334, 29 set. 1920
Carlos Fernandes	Epitácio Pessoa	Dr. Joaquim Ferreira Chaves	O Seridoense, Caicó, ano 6, n. 302, 22 jan. 1920
Carlos Ploetz	Primeiras noções da gramática francesa	Olavo Lamartine de Faria	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 336, 08 out. 1920
Carvalho Saavedra	Física elementar	Dr. Antônio Pires Ferreira	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 318, 04 jun. 1920
Catulo da Paixão Cearense	O sertão em flor	Olavo Lamartine de Faria	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 336, 08 outubro 1920
C. J. P. Bourget	O sentimento da morte	Afonso M. Pires Ferreira	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 336, 08 out. 1920
Claude Traveré	Thomaz L'Agnelet	Dr. Juvenal Lamartine de Faria	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 311, 16 abr. 1920
Coelho Barbosa	Homeopatia	Major José Eustáquio de Araújo	O Seridoense, Caicó, ano 6, n. 301, 16 jan. 1920
Coelho Neto	A descoberta da Índia	Olavo Lamartine de Faria	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 336, 08 out. 1920
C. Wagner	A vida simples	Dr. Antônio Pires Ferreira	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 318, 04 jun 1920
C. Wagner	A vida simples	Dr. Antônio Pires Ferreira	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 334, 29 set. 1920
Dias Marins (Dr.)	ABC do agricultor	Dr. Juvenal Lamartine de Faria	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 311, 16 abr. 1920



Autor	Título	Doação	Fonte
Dioclécio Duarte	Uma página do Brasil	Dr. Joaquim Ferreira Chaves	○ Seridoense, Caicó, ano 6, n. 302, 22 jan. 1920
Diversos Autores	As mais lindas poesias	Dr. Antônio Pires Ferreira	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 334, 29 set. 1920
Dufreme	Nouveau cours de pedagogie	Dr. Juvenal Lamartine de Faria	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 311, 16 abr. 1920
E. Dueret	Lês mots pour rire	Olavo Lamartine de Faria	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 334, 29 set. 1920
Émile Zola	Germinal	Hilarino Amâncio Pereira	○ Seridoense, Caicó, ano 6, n. 299, 02 jan. 1920
E. Vlieberg (Dr.)	Conferências	Prof. Francisco Gonzaga Galvão	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 311, 16 abr. 1920
Ezequiel Wanderley	Balões de ensaio	Dr. Juvenal Lamartine de Faria	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 336, 08 out. 1920
Flamarion	O imortal, Deus na natureza	Dr. Juvenal Lamartine de Faria	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 311, 16 abr. 1920
Francisco Severiano (Pe.)	Anuário eclesiástico	Prof. Francisco Severiano Sobrinho	○ Seridoense, Caicó, ano 6, n. 301, 16 jan. 1920
Francolino e Aleixo	Políticos e estadistas contemporâneos	Dr. Joaquim Ferreira Chaves	○ Seridoense, Caicó, ano 6, n. 302, 22 jan. 1920
Guimarães Cova	Municípios da Bahia	Agenor Miranda	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 318, 04 jun. 1920
Gustave Flaubert	A educação sentimental	Dr. Juvenal Lamartine de Faria	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 311, 16 abr. 1920
Halbout	Gramática francesa	Dr. Juvenal Lamartine de Faria	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 311, 16 abr. 1920

Autor	Título	Doação	Fonte
Henrique Castriciano	Ruínas	Dr. Juvenal Lamartine de Faria	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 311, 16 abr. 1920
Henry de Grammont	História de Napoleão	Dr. Antônio Pires Ferreira	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 334, 29 set. 1920
Henry Sienkiewicz	Quo vadis	Dr. Antônio Pires Ferreira	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 334, 29 set. 1920
Isabel Gondim	O Brasil – poemeto histórico	Major José Eustáquio de Araújo	O Seridoense, Caicó, ano 6, n. 301, 16 jan. 1920
Isabel Gondim	Sedição de 1817 no Rio Grande do Norte	Major José Eustáquio de Araújo	O Seridoense, Caicó, ano 6, n. 301, 16 jan. 1920
Jacinto Freire	Vida de Dom João de Castro	Dr. Juvenal Lamartine de Faria	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 311, 16 abr. 1920
João do Rio	No tempo de Wenceslau	Dr. Joaquim Ferreira Chaves	O Seridoense, Caicó, ano 6, n. 302, 22 jan. 1920
João Pires Ferreira	Dádiva	Djalma Pires Ferreira	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 336, 08 out. 1920
João Ribeiro	Gramática portuguesa – curso superior	Dr. José Pires Ferreira	O Seridoense, Caicó, ano 6, n. 302, 22 jan. 1920
J. M. Barros	A mão errante	Djalma Pires Ferreira	O Seridoense, Caicó, Ano 7, n. 318, 04 jun. 1920
José de Alencar	Iracema	Dr. Antônio Pires Ferreira	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 334, 29 set. 1920
José Ricardo Pires de Almeida (Dr.)	L'instruction publique au Brésil (1500-1889): l'histoire et legislation	Museu Nacional	O Seridoense, Caicó, ano 6, n. 305, 13 fev. 1920
José Peres Galhardo	Enciclopédia popular	Dr. Juvenal Lamartine de Faria	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 311, 16 abr. 1920



Autor	Título	Doação	Fonte
Juan Pujol	De Londres a Flandres	Agenor Miranda	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 318, 04 jun. 1920
Júlio Verne	Uma cidade flutuante	Djalma Pires Ferreira	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 318, 04 jun. 1920
Leon Diniz	Depois da morte	Dr. Juvenal Lamartine de Faria	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 311, 16 abr. 1920
Lima Barreto	Triste fim de Policarpo Quaresma	Dr. Joaquim Ferreira Chaves	○ Seridoense, Caicó, ano 6, n. 302, 22 jan. 1920
Luiz Cordeiro	Três premissas num sorites	Prof. Francisco Gonzaga Galvão	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 311, 16 abr. 1920
Luiz de Camões	Sonetos de amor	Hilarino Amâncio Pereira	○ Seridoense, Caicó, ano 6, n. 299, 02 jan. 1920
Luiz Vaz	Virgem e mãe	José Ariston de Araújo	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 318, 04 jun. 1920
Mantegazza	O século neurótico	Afonso M. Pires Ferreira	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 336, 08 out. 1920
Maria Amélia Vaz de Carvalho	Crônicas de Valentina	Dr. Juvenal Lamartine de Faria	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 311, 16 abr. 1920
Mário Lima	Medalhas e brasões	Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros	○ Seridoense, Caicó, ano 6, n. 302, 22 jan. 1920
Martins Costa	Noções de química	Dr. Antônio Pires Ferreira	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 334, 29 set. 1920
Medeiros e Albuquerque	○ Hipnotismo	Olavo Lamartine de Faria	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 336, 08 out. 1920
Mira	Confraternização republicana	Dr. Joaquim Ferreira Chaves	○ Seridoense, Caicó, ano 6, n. 302, 22 jan. 1920

Autor	Título	Doação	Fonte
Nestor Victor	A crítica de ontem	Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros	O Seridoense, Caicó, ano 6, n. 302, 22 jan. 1920
Olavo Freire	Geometria prática	Olavo Lamartine de Faria	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 336, 08 out. 1920
Otto Prazeres	O Brasil na guerra	Dr. Joaquim Ferreira Chaves	O Seridoense, Caicó, ano 6, n. 302, 22 jan. 1920
P. Bourget	O sentimento da morte	Afonso M. Pires Ferreira	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 336, 08 out. 1920
Padre Silvério	Quarenta contos	Dr. José Pires Ferreira	O Seridoense, Caicó, ano 6, n. 302, 22 jan. 1920
Paulo Mahalin	O filho do mosqueteiro	Olavo Lamartine de Faria	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 336, 08 out. 1920
Pereira Alves	Discursos e conferências	Hilarino Amâncio Pereira	O Seridoense, Caicó, ano 6, n. 299, 02 jan. 1920
Perez Escrich	História de um beijo	Dr. José Pires Ferreira	O Seridoense, Caicó, ano 6, n. 302, 22 jan. 1920
Perez Escrich	Os ladrões de honra	Dr. Antônio Pires Ferreira	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 334, 29 set. 1920
Piquete Carneiro (Dr.)	Açude do Quixadá	Dr. Juvenal Lamartine de Faria	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 311, 16 abr. 1920b
Plínio Cavalcanti	Silvestre Lajedo – romance dos costumes brasileiros	Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros	O Seridoense, Caicó, ano 6, n. 302, 22 jan. 1920
Prefeitura do Distrito Federal	Oito meses de administração interina	Dr. Joaquim Ferreira Chaves	O Seridoense, Caicó, ano 6, n. 302, 22 jan. 1920
Rivadavia Correia	A verdade sobre a situação financeira do Brasil em 1914	Dr. Joaquim Ferreira Chaves	O Seridoense, Caicó, ano 6, n. 302, 22 jan. 1920



Autor	Título	Doação	Fonte
Roquete	Seleta francesa	Dr. Antônio Pires Ferreira	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 318, 04 jun. 1920
Roquete	Seleta francesa	Dr. Antônio Pires Ferreira	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 334, 29 set. 1920
Roquete Pinto	Antropologia (guia)	Museu Nacional	○ Seridoense, Caicó, ano 6, n. 305, 13 fev. 1920
Saavedra	Rudimentos de física experimental	Dr. Antônio Pires Ferreira	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 334, 29 set. 1920
Saavedra	Zoologia elementar	Dr. Antônio Pires Ferreira	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 334, 29 set. 1920
Schopenhauer	Dores do mundo	Dr. Antônio Pires Ferreira	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 334, 29 set. 1920
Saly Orlando	Pelo jovem	Hilarino Amâncio Pereira	○ Seridoense, Caicó, ano 6, n. 299, 02 jan. 1920
Silio Boccanera	Os cinemas da Bahia	Afonso M. Pires Ferreira	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 336, 08 out. 1920
Sílvio Romero	Provocações e debates	Gorgônio Ambrósio da Nóbrega	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 336, 08 out. 1920
Souza Pinto	Dicionário francês – Português	José de Araújo Santos	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 318, 04 jun. 1920
Souza Pinto	Dicionário Francês – português	José de Araújo Santos	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 336, 08 out. 1920
Tenório de Cerqueira	Migalhas	Hilarino Amâncio Pereira	○ Seridoense, Caicó, ano 6, n. 299, 02 jan. 1920
Theodoro de Morais	Sanções	Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros	○ Seridoense, Caicó, ano 6, n. 302, 22 jan. 1920

Autor	Título	Doação	Fonte
Théodule-Armand Ribot	As doenças da memória	Agenor Miranda	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 318, 04 jun. 1920
Theothonio Freire	Flâmulas	Dr. Juvenal Lamartine de Faria	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 311, 16 abr. 1920
Vautrin	A última encarnação	Djalma Pires Ferreira	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 336, 08 out. 1920
Visconde de Taunay	Inocência	Dr. Antônio Pires Ferreira	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 334, 29 set. 1920
Vitor Coelho de Almeida (Pe.)	Conferências	Major José Eustáquio de Araújo	O Seridoense, Caicó, ano 6, n. 301, 16 jan. 1920
Zeferino Galvão	Cartas ao diabo	Inácio Vale Sobrinho	O Seridoense, Caicó, ano 6, n. 305, 13 fev. 1920

204

Quadro 2

Livros e outros impressos dados para a Biblioteca Olegário Vale
(sem identificação de autoria) em 1920

Título	Doação	Fonte
A margem de uma conferência	Dr. Joaquim Ferreira Chaves	O Seridoense, Caicó, ano 6, n. 302, 22 jan. 1920
As virtudes antigas	Dr. Juvenal Lamartine de Faria	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 311, 16 abr. 1920
Europa pitoresca	Dr. Juvenal Lamartine de Faria	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 311, 16 abr. 1920
Gramática prática da língua inglesa	Dr. Juvenal Lamartine de Faria	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 311, 16 abr. 1920
Guilherme II et son peuple	Dr. Juvenal Lamartine de Faria	O Seridoense, Caicó, ano 7, n. 311, 16 abr. 1920



Título	Doação	Fonte
História da prostituição	Dr. Juvenal Lamartine de Faria	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 311, 16 abr. 1920
Indicador da produção francesa	Prof. Francisco Gonzaga Galvão	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 311, 16 abr. 1920
Novo Testamento	Agenor Miranda	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 318, 04 jun. 1920
○ estróina de Maximiliano Persin	Dr. Juvenal Lamartine de Faria	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 311, 16 abr. 1920
○ imortal	Dr. Juvenal Lamartine de Faria	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 311, 16 abr. 1920
Reforma dos serviços da higiene administrativa	Dr. Juvenal Lamartine de Faria	○ Seridoense, Caicó, ano 7, n. 311, 16 abr. 1920
Trabalhos da comissão científica de exploração	Museu Nacional	○ Seridoense, Caicó, ano 6, n. 305, 13 fev. 1920

Nota

205

- 1 Artigo ampliado a partir do texto "O encontro do leitor com o livro na Biblioteca Olegário Vale. (Caicó-RN, 1918-1920)" – apresentado no IV Congresso Brasileiro de História da Educação, Goiânia, 2006.

Referências

A EDUCADORA CAICOENSE. **○ Seridoense**, Caicó, ano 6, n. 299, 2 jan. 1920.

AMOR E SAUDADE. **Jornal das Moças**, Caicó, ano 1, n. 27, 29 jul. 1926.

ARAÚJO, José Gurgel. Escola rural I. **○ Juvenil**, Caicó, ano 1, n. 20, 27 abr. 1918.

_____. Escola rural II. **○ Juvenil**, Caicó, ano 1, n. 21, 4 mai. 1918a.

ARAÚJO, José Gurgel. Escola rural III. **○ Juvenil**, Caicó, ano 1, n. 22, 11 maio. 1918b.

ARAÚJO, Marta Maria de; MEDEIROS, Maria das Dôres. **○ encontro do leitor com o livro na Biblioteca Olegário Vale**. (Caicó-RN, 1918-1920). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 4., Goiânia, 2006. **Anais...** Goiânia: Universidade Católica de Góis/Sociedade Brasileira de História da Educação, 2006.

ARISTON, Eunice. **Olegário Vale**: o idealista. Natal: Editora RN Econômico, 2004.

ARROYO, Miguel G. O aprendizado do direito à cidade: Belo Horizonte – a construção da cultura pública. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 26, p. 23-38, dez. 1997.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Miscelânea**: o jornal e o livro. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguiar, 1986. (obra completa, v. 3).

ASSOCIAÇÃO EDUCADORA CAICOENSE. **Certidão**. Caicó (RN), abr. 1924.

AZEVEDO, Fernando. **As técnicas de produção do livro e as relações entre mestres e discípulos**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

BIBLIOTECA OLEGÁRIO VALE. **O Seridoense**, Caicó, ano 6, n. 299, 02 jan. 1920.

_____. **O Seridoense**, Caicó, ano 6, n. 301, 16 jan. 1920.

_____. **O Seridoense**, Caicó, ano 6, n. 302, 22 jan. 1920.

_____. **O Seridoense**, Caicó, ano 6, n. 305, 13 fev. 1920.

_____. **O Seridoense**, Caicó, ano 7, n. 311, 16 abr. 1920.

_____. **O Seridoense**, Caicó, ano 7, n. 318, 04 jun. 1920.

_____. **O Seridoense**, Caicó, ano 7, n. 334, 29 set. 1920.

_____. **O Seridoense**, Caicó, ano 7, n. 336, 08 out. 1920.

BRASIL. REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. **Anuário estatístico do Brasil**. Cultos, assistência, repressão e instrução. Rio de Janeiro: Tipografia da Estatística, 1927.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Forense Universitária, 2000.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução Mary del Priore. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994.

_____. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.



_____. **Cultura escrita, literatura e história.** Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anais Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

GOULEMOT, Jean-Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger. (Org.). **Práticas da leitura.** Tradução Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

GUERREIRO, Carla Maria Vicente. **Paisagem romântica e utopia:** Paul et Virginie de Bernardin de Saint-Pierre no romantismo português. Disponível em: <www.fl.ul.pt/centros_invt/comparat/antiores/act9/programa/act9-32.html> Acesso em: 10 ago. 2006.

HARPOCRATES. Disponível em: <<http://www.ordotempliorientisbrasil.org/pagina.asp?pg=12287>

28654>. Acesso em: 15 jul. 2006.

JEREMIAS. Na biblioteca. O Binóculo, Caicó, 18 maio 1918. In: A nota: reminiscências. Caicó: [Tipografia da Escola Pré-Vocacional de Caicó], [195-].

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

MEDEIROS, Neemias Gurgel de. **Relato oral sobre a Biblioteca Olegário Vale.** Caicó, 26 jul. 2006.

MONTEIRO, Pe. Eymard L'E. **Caicó.** (Subsídios para a história completa do município). Recife: Escola Salesiana de Artes Gráficas, 1945.

MORAIS. Christiani Cardoso. Leitores mineiros oitocentistas e sua busca pela difusão das práticas de letramento. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 26., 2003, Poços de Caldas. **Anais...** Poços de Caldas: ANPEd, 2003. 1 CR-ROM.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Desvendando a cidade:** Caicó em sua dinâmica espacial. Brasília: Senado Federal; Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 1999.

SCHWARCZ, Lília Moritz; AZEVEDO, Paulo César; COSTA; Ângela Marques. **A longa viagem da biblioteca dos reis:** do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SURGE ET AMBULA. **O Juvenil,** Caicó, ano 1, n. 5, 11 jan. 1918.

SUSPIROS. **Jornal das Moças,** Caicó, ano 1, n. 42, 19 dez. 1926.

WITMANN, Reinhard. Existe uma revolução da leitura no final do século XVIII? In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. (Org.). **História da leitura no mundo ocidental**. Tradutores Fulvia M. L. Moretto e Guacira Marcondes Machado. São Paulo: Ática, 2002.

Profa. Dra. Marta Maria de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Coordenadora da Base de Pesquisa Estudos Histórico-Educacionais
E-mail | martaujo@digil.com.br

Profa. Especialista Maria das Dôres Medeiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Integrante da Base de Pesquisa Estudos Histórico-Educacionais
E-mail | dorinha@uol.com.br

Recebido 15 abr. 2008

Aceito 24 abr. 2008